

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

CAOS

POLÍTICO

BRASIL

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



ABRACE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

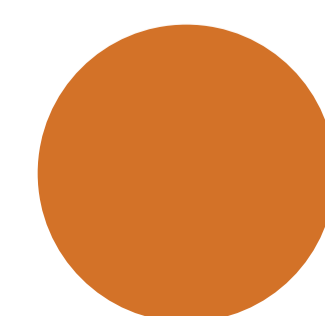
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

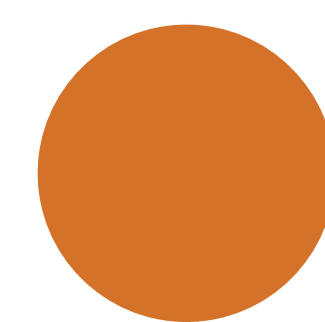
Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3

Feminismos plurais, performances e performatividades

BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

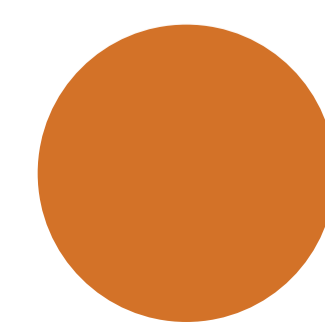
Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4

Práticas de cuidado e espiritualidade

TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

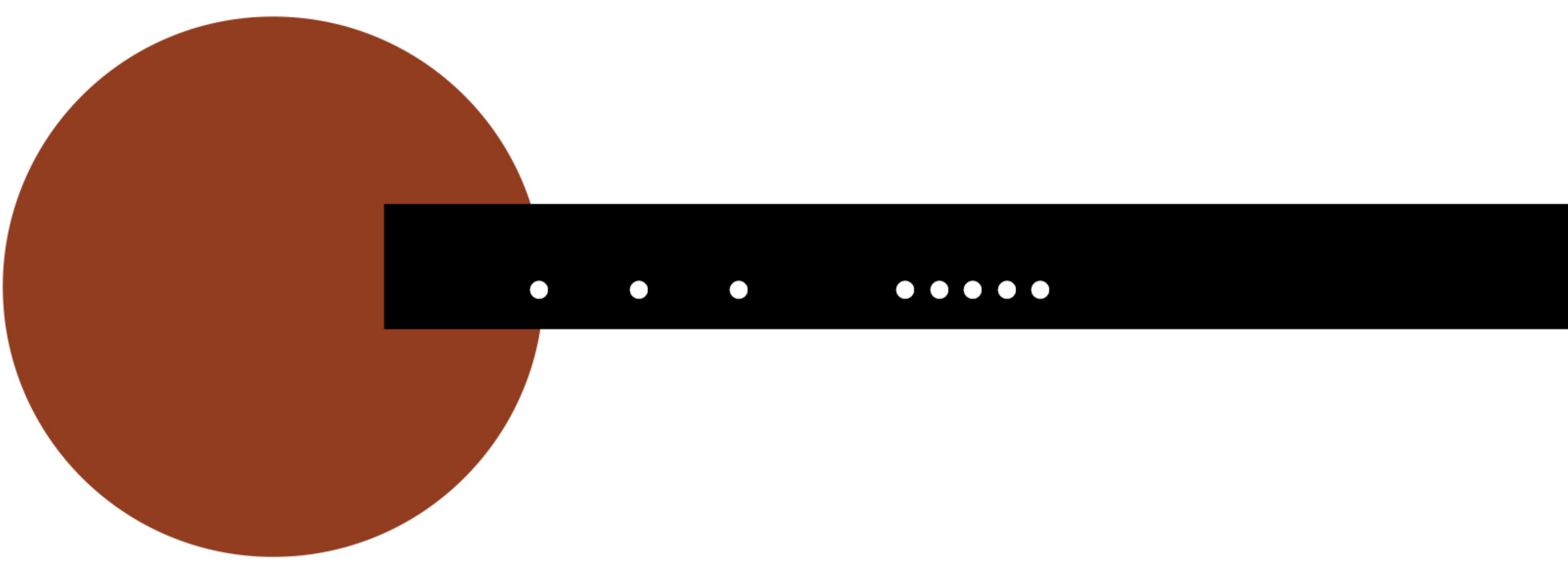
Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



CAPÍTULO 2
e o **CORPO,**
ARTES DA CENA
E EPISTEME



.....

COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.

Heloisa Gravina (UFSM)¹

Michel Capeletti (ETABA)

Clarissa Ferrer (UFSM)

Guilherme Capaverde (UFSM)

Letícia Nascimento Gomes (UFSM)

Pâmela Ferreira (UFSM)

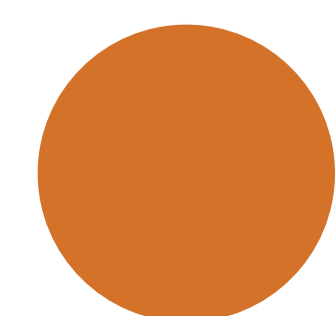
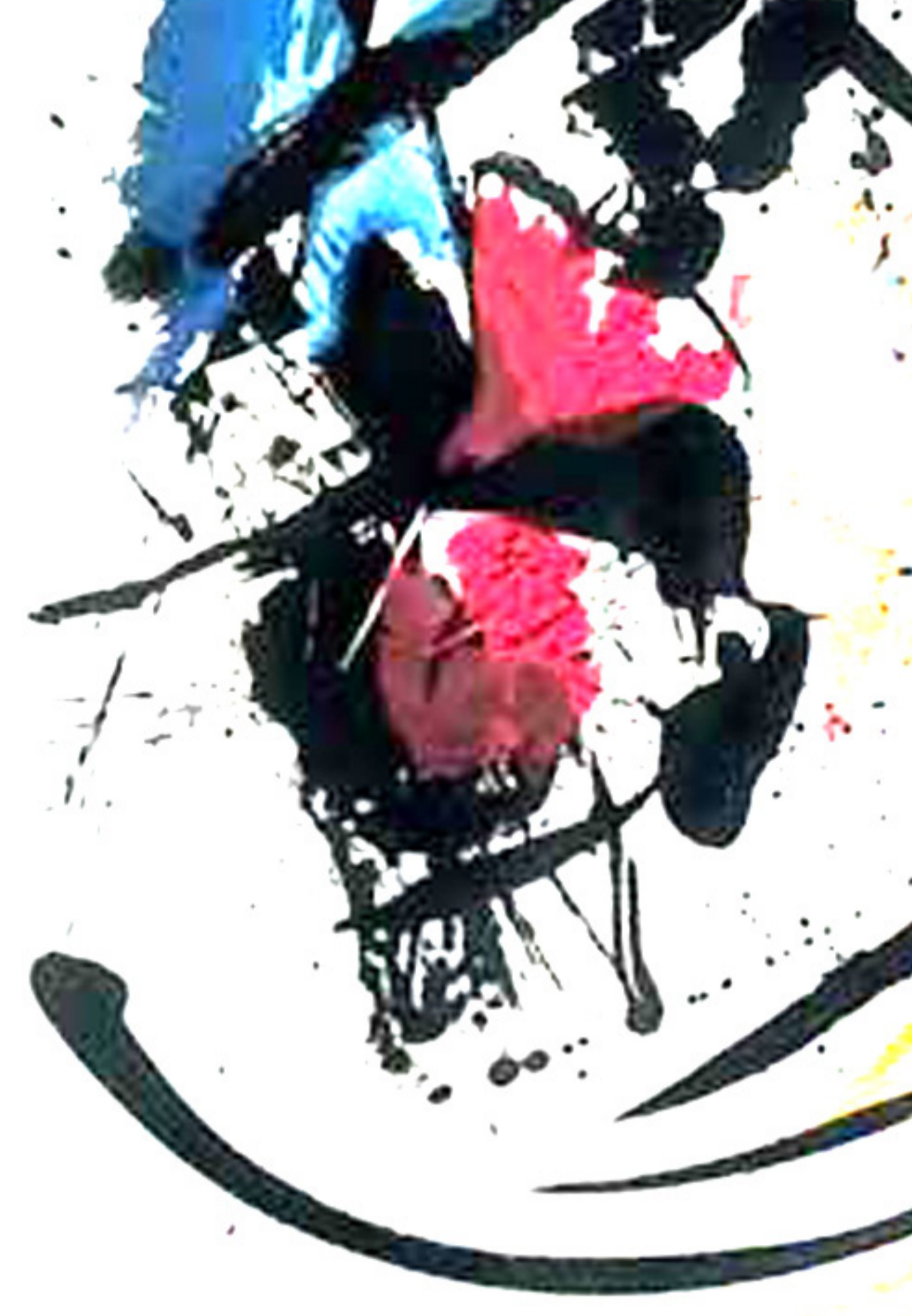
Thiago Santos (UNIPAMPA)²

__RESUMO

Este texto propõe um relato poético produzido pelo Grupo de Estudos em Dança e Técnica Alexander, coordenado pela

¹ Professora adjunta do Curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria, bailarina, coreógrafa e estudante de Técnica Alexander.

² Professor de Técnica Alexander em Escuela de Técnica Alexander de Buenos Aires, bailarino e coreógrafo. Professora de Pilates em Pilates e Fisioterapia, pesquisadora do Laboratório EspaçoCorpo (UFSM), bailarina e fisioterapeuta. Mestre em Educação, Bacharela em Dança pela Universidade Federal de Santa Maria, pesquisadora do Laboratório EspaçoCorpo (UFSM), bailarina e artista circense. Estudante do Curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria, bailarino e artista circense. Estudante do Curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria, bolsista FIPE, bailarina, professora de dança e coreógrafa. Professor do Curso de Licenciatura em Letras Português na Universidade Federal do Pampa (Campus Bagé), bailarino.



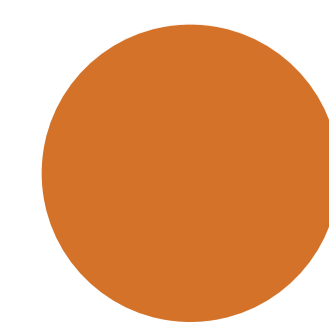
professora Heloisa Gravina no Curso de Dança Bacharelado da UFSM. Relata a experiência dos encontros do grupo realizados de março a agosto de 2020, em situação de isolamento social devido à pandemia de COVID19. A narrativa aqui proposta busca reconstituir o processo de busca e indagação de formas possíveis para trabalhar com pesquisa prática em dança e seguir estudando suas interconexões com a Técnica Alexander através dos dispositivos virtuais. Na forma e no conteúdo, o texto tem a intenção de problematizar o uso de tais dispositivos, indagando acerca de seus limites e potencialidades, e de refletir, a partir dessa experiência, sobre a criação de redes de suporte mútuo e procedimentos para a invenção de novos modos possíveis de relação.

__PALAVRAS-CHAVE

Técnica Alexander, dança, isolamento social, criação, COVID19

__RESÚMEN

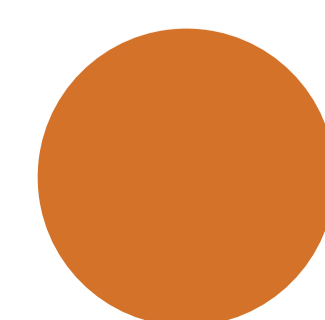
Este texto propone un relato poético elaborado por el Grupo de Estudios en Danza y Técnica Alexander, coordinado por la profesora Heloisa Gravina en el Grado en Danza de



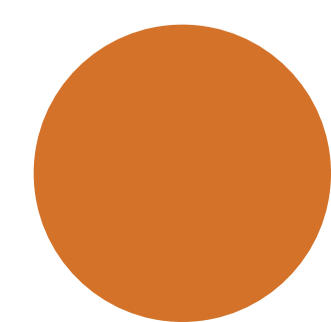
la UFSM. Relata la experiencia de los encuentros del grupo realizados de marzo a agosto de 2020, en una situación de aislamiento social por la pandemia de COVID19. La narrativa aquí propuesta busca reconstruir el proceso de búsqueda e indagación de posibles formas de trabajar con la investigación práctica en la danza y continuar estudiando sus interconexiones con la Técnica Alexander a través de dispositivos virtuales. En cuanto a forma y contenido, el texto pretende problematizar el uso de tales dispositivos, preguntando por sus límites y potencialidades, y reflexionar, a partir de esa experiencia, sobre la creación de redes de apoyo mutuo y procedimientos para la invención de nuevas formas posibles de relacionarse.

__PALABRAS CLAVE

Técnica Alexander, danza, aislamiento social, creación, COVID19



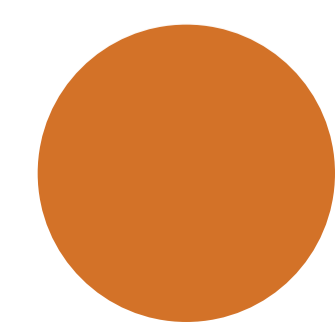
Como um texto começa pelo meio?



Essa frase, assim disposta, é uma materialização bastante boba, ridiculamente literal, de uma pergunta que nos habita há tempos e, sendo anterior e maior que nós, ao nos habitar, nos faz ativos na ação de atualizar um pensamento específico de dança. Um pensamento tributário desse “nós” que somos eu (Helô) e Michel, mais Tatiana da Rosa, Alexandra Dias, Dani Boff, Cibele Sastre e tantas outras e outros artistas que compõem conosco uma rede de sustentação e suporte, de criação e de invenção de possíveis, há quase vinte anos... Falar dessas pessoas, nesta escrita, faz parte da explicitação de por que este texto, afinal, começa pelo meio. Essa história, que queremos contar aqui, tem muitas linhas, percursos, trajetos, repertórios, experiências que se cruzam e que, neste aqui, neste agora, decidimos recortar numa narrativa. Um título possível para esta escrita poderia ser

Das coisas possíveis em meio ao tanto.

O recorte desta narrativa, o enquadramento que escolhemos, foram os encontros do Grupo de Estudos em Dança e Técnica Alexander, coordenado por mim, no papel de professora Heloisa Gravina, membro do corpo docente do Curso de Dança Bacharelado da UFSM, co-coordenadora do Laboratório EspaçoCorpo: núcleo transdisciplinar de

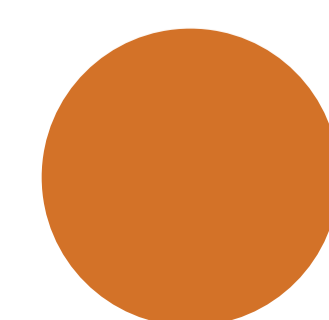


estudos em dança e terapia ocupacional, com colaboração de Michel Capeletti, como bailarino e professor de Técnica Alexander, colaborador do Laboratório EspaçoCorpo e propositor de diferentes ações no marco do Seminário/Laboratório de Criação desde sua primeira edição, em 2013³.

Outras linhas ainda se cruzam na composição desse grupo e dessa escrita, e são compostas de estudantes do Curso de Dança Bacharelado da UFSM e de artistas da dança da cidade de Santa Maria. Além dos demais autores-colaboradores deste texto, integram o *grupito* (como fomos carinhosamente chamando nosso encontro) Amanda Silveira e Caroline Turchiello.

Neste recorte, queremos contar especialmente dos encontros virtuais realizados de março a agosto de 2020, na situação de isolamento social à qual decidimos, em nome do cuidado conosco e com o espaço social mais amplo das cidades em que vivíamos, aderir totalmente durante a pandemia. Nos interessa, aqui, narrar os dispositivos e procedimentos que fomos inventando para atravessar esse momento sustentando nossa atividade primeira, a pesquisa em dança e Técnica Alexander, fundada no movimento, no

³ O grupo de estudos é uma ação do Laboratório EspaçoCorpo: núcleo transdisciplinar de estudos em dança e terapia ocupacional, coordenado pela professora Heloisa Gravina em parceria com a professora Andréa do Amparo Carotta de Angeli, do curso de Terapia Ocupacional da UFSM. O Seminário/Laboratório de criação: abordagens somáticas na criação em dança é realizado anualmente desde 2013 pela professora Heloisa e integra as ações do Laboratório EspaçoCorpo desde sua fundação, em 2015, quando então estendeu sua temática para os diálogos entre dança e terapia ocupacional, passando a ser coordenado pelas duas professoras.



encontro, na presença.

Como seguir trabalhando à distância? Como produzir presença na relação mediada pelo ambiente virtual?

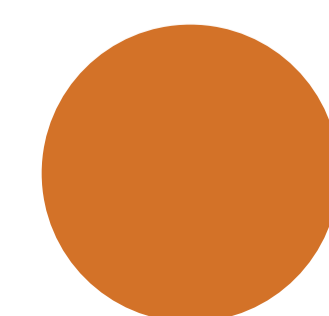
São perguntas óbvias. O que talvez seja menos óbvio, e venha antes, é perguntar: por que queríamos seguir trabalhando à distância? Qual o sentido de sustentar um trabalho fundado na presença e na relação dos corpos em movimento?

Tínhamos, como muitos, começado o ano cheios de projetos e desejos de investigação, de criação, de produção de conhecimento. Tínhamos um grupo que já estava investigando junto há alguns anos e que se percebia com maturidade para aprofundar e se arriscar mais em suas experimentações. Tínhamos uma situação cheia de potência, o coração cheio de desejos.

E veio a pandemia.

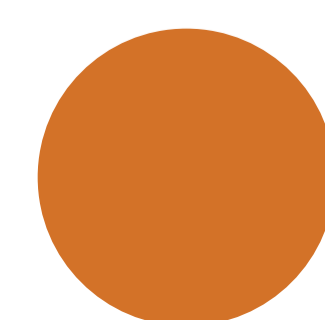
Ficamos perdidos, frustrados, assustados. Nos isolamos em nossas casas. Sabíamos que isso decorria de um relativo conforto: podíamos sustentar, alguns com mais, outros com menos dificuldade, esse isolamento. Nos sentíamos impotentes. Pequenos em meio ao tanto.

Num primeiro momento, então, manter uma regularidade de encontros do grupo foi uma maneira de estarmos juntos.



De, juntos, olharmos para o que estava acontecendo e como isso ia reverberando em cada uma e cada um de nós. Intuíamos que o vínculo entre nós e as ferramentas da Técnica Alexander que vínhamos partilhando poderiam nos fornecer algum tipo de suporte e estrutura para lidar com isso que se apresentava tão enorme e assustador.

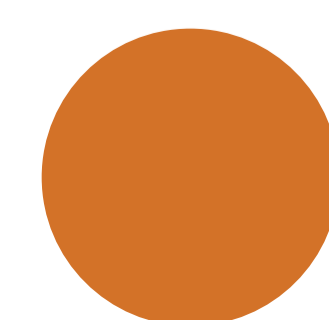
Olhando agora, reconhecemos que, sim, esse espaço funcionou como um suporte coletivo. Isso confirmava nossa intuição. Mas além da confirmação, também nos vimos surpreendidos por uma potência reflexiva inesperada. Pela invenção de recursos e por reflexões que surgiram da especificidade dessa situação. Nesta narrativa, queremos compartilhar um pouco do que fomos descobrindo e habitando, das coisas possíveis em meio tanto, no desejo de ampliar e conectar recursos tanto para resistir a este momento tão duro, quanto para imaginar e construir possibilidades de um outro devir.



Essas têm sido nossas ferramentas de proposição para um mundo no qual acreditamos, mais sensível, mais presente, fundado no vínculo real e responsável entre os seres. Assim que não era, nem de longe, evidente encontrar um modo de trabalhar mediados pelos dispositivos eletrônicos. E assim mesmo o desejo, a intuição de que seria possível e, afinal, nossa curiosidade, foram estimulados.

Daqui para diante, este texto reproduz um pouco esse ir tateando, buscando, descobrindo, e tenta, em sua própria forma, transitar pela multiplicidade de meios e de pontos de vista que vêm constituindo esse encontro. Na forma, buscamos criar algo como um diário compartilhado, reunindo os diferentes meios que fomos utilizando para criar dispositivos de produção de presença e encontro, seja em diferentes formas de escrita – trechos de diário, relatos mais reflexivos, pequenas elaborações pontuais – seja através do compartilhamento de áudios utilizados, desenhos, fotos, e de uma primeira produção que podemos chamar de um vídeo-relato. Uma certa fragmentação, vazios, mudanças de planos e perspectivas é intencional. Entendemos que este material, assim organizado, já é em si uma obra, uma composição conjunta, um relato poético.

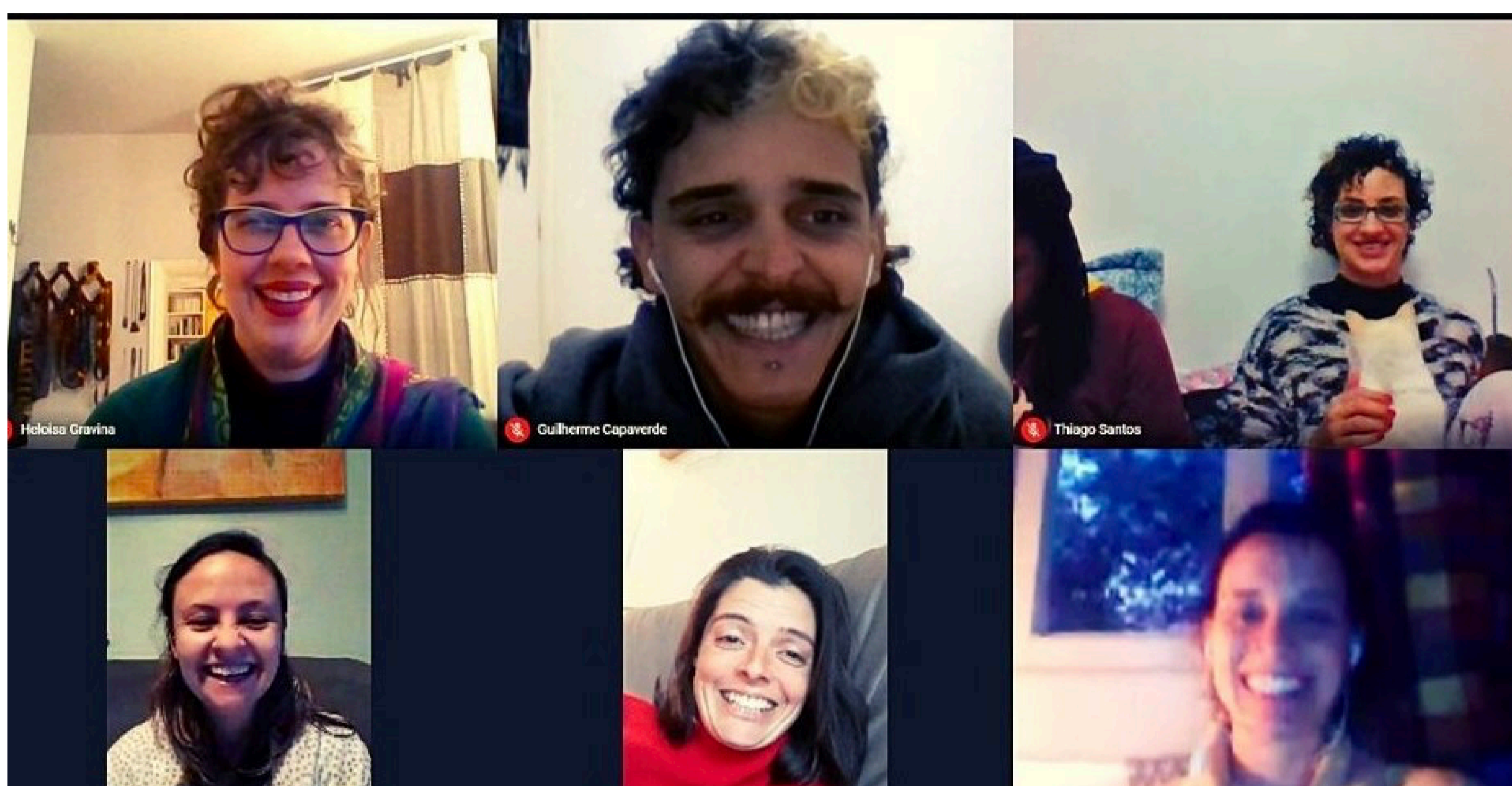
Diz de um coletivo que é, sempre, o cruzamento de singularidades e o que se cria a partir desse estar em relação. Materializa, desde a forma, uma pergunta presente



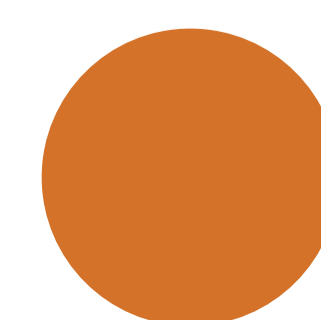
para nós: qual é o **colorido específico** desse encontro? E diz de uma escolha, constantemente atualizada, de não ter pressa em encontrar uma forma, de deixar intencionalmente à mostra as sobras, as incongruências, o que não cabe, o que não combina, o que não sabemos. Um título mais completo para esta escrita, então, poderia ser

**Colorido Específico:
das coisas possíveis em meio ao tanto.**

Desejamos que cada uma e cada um se sinta à vontade para transitar pelo material como quiser. Convidamos a partilhar nossos procedimentos, experimentá-los, indagá-los, permitir-se se sentir interpelada ou interpelado, suspender o entendimento racional e substituir o julgamento (sobre o texto, sobre si) pela curiosidade.



2. Encontro virtual do grupito, julho/2020



Abrir-se à pergunta: o que este material, assim compartilhado, desperta em mim?

Primeiro movimento: ler, ouvir, praticar

Num primeiro momento, ainda receosos das práticas via plataformas virtuais, começamos nos propondo a ler e discutir textos sobre a Técnica Alexander. Logo, tivemos vontade, ou necessidade, de sentir nossos corpos mais presentes, nos sentirmos mais inteiros, habitando o momento presente. Nos convidamos, então, a realizar semi-supinas todos os dias e fazer registros em nossos diários. No grupo, então, compartilharíamos esses registros.

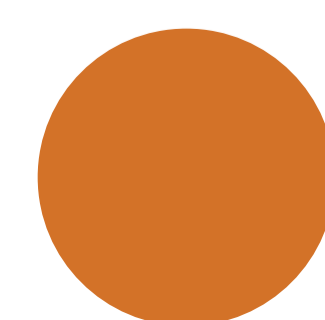
Pensando aqui em explicar a semi-supina, encontramos esta definição de Rosa Schramm, bailarina e professora de Técnica Alexander, que corresponde a nosso entendimento dessa prática:

A semi-supina, nome dado a uma posição explorada na Técnica Alexander, é uma ação de deitar-se de costas com os pés apoiados no chão e mãos sobre o tronco, em que praticamos a observação dos pontos de apoio e pensamos em direções antagônicas, similar ao que se faz de pé e em outras posições, para que se possa gerar expansão e descompressão das vértebras. Essa prática é entendida como um descanso construtivo e um processo de aprendizagem. A semi-supina me interessa não só pelo suporte que a coluna ganha ou pelo alívio da região da lombar que não está

excessivamente tensionada pelo iliopsoas, mas também pelo modo em que o apoio dos pés responde à pressão. Essa posição nos impulsiona e nos ajuda a organizar a coluna, ao dar uma leve direção para cima como quando estamos de pé (SCHRAMM, 2018, p. 131).

A posição da semi-supina é um trabalho que nos acompanha há algum tempo, desde nossos encontros presenciais, e que foi se mostrando uma possibilidade para o trabalho/investigação com a Técnica Alexander nesse momento, como uma forma de auto-observação e organização. Ela também nos permite uma forma de estudo e de conexão entre nós, pensando outros modos de relação com texto/teoria.

Realizada desse modo, nos permitia um estudo individual no tempo possível para cada uma e cada um, funcionando como recurso para compor com tais estudos e possibilitar uma outra relação com os textos. Num certo encontro, Helô propõe mandar um áudio lendo um trecho do texto *Darse un tiempo para decir no*, de Walter Carrington (2009), fazendo uma “tradução simultânea” para o português. Os áudios tornaram-se ferramenta de estudo, compartilhamento, mas também registro dos materiais com os quais decidimos trabalhar, além de abrirem para a possibilidade de escutá-los em semi-supina, ou até mesmo lavando a louça. Fica o convite:



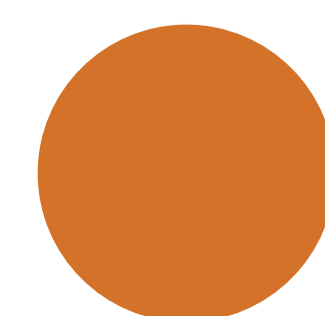
Leitura do texto “Darse um tiempo para decir no” de Walter Carrington (com tradução simultânea da Helô)⁴ - <https://tinly.co/8JWsb>

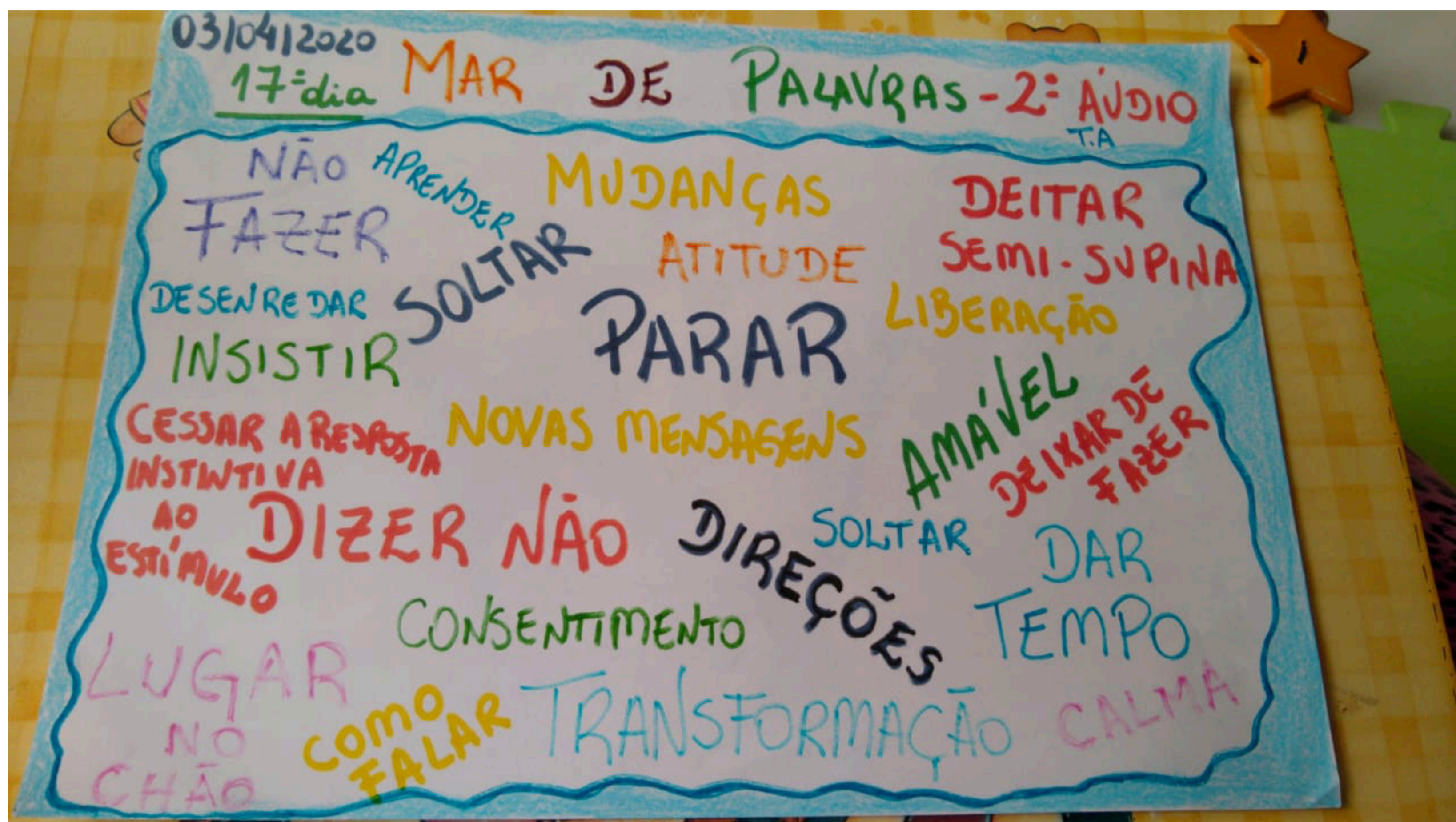
Que áudio lindo. Que generoso é esse método de ensinar e de praticar. Sorri durante a fala da Helô, porque fazia muito sentido tudo o que eu estava ouvindo. Foi uma semisupina muito relaxante e agradável. Fiquei mais solta.

Diário da Pâmela, 03/04/2020

Percebemos, então, que nossos relatos poderiam ser gravados e o áudio disponibilizado como mais uma ferramenta para esse procedimento. Ao longo dos dias experimentamos diferentes maneiras de irmos para posição semi-supina e de praticarmos. Com áudios de textos sobre a técnica, de nossos relatos, ou em silêncio. Percorremos muitos *comos*, e continuamos.

⁴ Ao abrir o arquivo no soundcloud, sugerimos que desabilite a reprodução automática, para evitar que o áudio seguinte seja reproduzido imediatamente ao final deste.





3. Mar de palavras da Pâmela, 03/04/2020

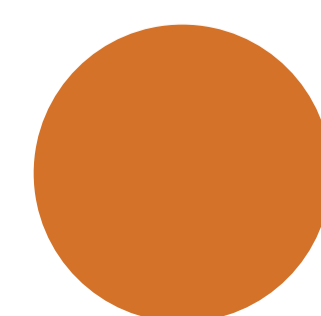
Segundo movimento: semisupinar em sincronia, estar junto através do virtual

Essas experimentações foram nos reconectando com a prática. Ao mesmo tempo, Helô começou a frequentar as aulas online da *Escuela de Técnica Alexander de Buenos Aires* (ETABA), onde cursara um ano da formação para professores de Técnica Alexander, em 2018. As duas experiências foram constituindo um suporte e nos dando confiança para nos aventurarmos a realizar algumas práticas ao mesmo tempo, mediados pelas plataformas virtuais. Correr o risco de cair a chamada, do áudio ou do vídeo travar, de não nos sentirmos amparados pela presença uns dos outros. Compartilhamos aqui o áudio de uma dessas aventuras:

Guia para semi-supina, por Helô - <https://tinly.co/zDA1V>



4. Ponto de vista da Helô em semi-supina no pátio de casa, S/D



Terceiro movimento - diário

Perguntas compartilhadas em encontro virtual (sobre a suspensão da ilusão de continuidade)

Michel: Fico ouvindo o relato do Guilherme sobre a prática e me surge como questão pensar nas produções, na dança, em arte, que vão aparecendo nesse contexto de quarentena. E como tomar esse relato como produção?

Claro que se o Guilherme quiser pegar esse material e transformar em algo ele pode aprofundar, retrabalhar, fazer outras escolhas, mas fico pensando no quanto essa leitura em si já é algo.

Tem uma coisa na leitura e nessas formulações que já me parece muito potente como peça, como obra, como relato poético. E aí tem um lugar que me interessa, e me interessa dividir com vocês essa informação que também pode se transformar em impulso para fazer alguma coisa.

Helô: Te ouvindo, me pergunto:

O que é específico do nosso trabalho, do nosso encontro?

O que já é?

O que, desta experiência, com tudo o que ela tem de extraordinário, já é uma outra coisa? Me atravessa uma sensação um tanto apocalíptica, de perceber que há um mundo que ficou para trás e que não vamos reencontrar

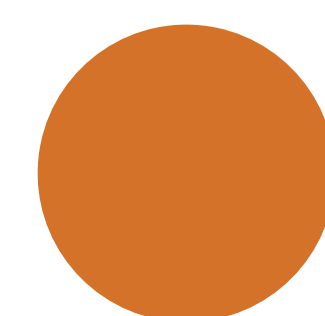
depois, porque já não existe mais. E tampouco seguiremos vivendo como estamos vivendo agora, porque isso, desta forma como está acontecendo, vai passar. Não estaremos eternamente em quarentena, confinados em nossas casas.

Este é um momento que tem um certo enquadramento temporal, que destaca este modo de vida como fora do comum. Então me pergunto como nossa produção neste momento, neste enquadramento, já é algo que diz desse momento, e que pode também dizer do que poderá vir a ser. Como tirar deste momento algo que já pode ser uma proposição, ou uma experimentação do que poderá ser esse depois, ou do que queremos que seja esse depois. Tanto em termos de dança, de práticas corporais, de Técnica Alexander, mas também de vida, de mundo.

Num diário pós-prática compartilhado pelo Guimo, ele se pergunta se desejar seres humanos e não humanos livres pode começar com desejar que o pescoço esteja livre. Essa pergunta reverbera para mim, me fazendo pensar que, desde esse ponto de vista de uma unidade psico-física (e social), desejar o pescoço livre pode ser desejar toda uma organização mais livre e responsiva, com menos esforço, na relação com a força da gravidade. Dito de outro modo, pode ser também uma melhor conexão entre corpo e planeta, entre sujeito e mundo, entre a unidade e o todo.

Michel: venho tentando observar também essa afirmação de que vai ser tudo diferente.

Helô: Sim... em todo caso, não foi essa a afirmação. O que acho que é uma afirmação é de que o mundo como conhecíamos não existe mais. Vivemos um momento de suspensão desse mundo, durante o qual algumas coisas permanecem, outras se intensificam, outras não existirão mais. O que sim, temos, nessa situação de uma certa liminaridade produzida pela suspensão do fluxo ordinário da vida como se organizava até então, é um certo espaço que se abre na percepção para poder observar melhor nossas ações e reações, e a partir



da observação, fazer outras escolhas.

Nem todas as escolhas estão em nossas mãos. Estamos vendo atuarem muitas forças que identificamos com uma pulsão de vida, e outras tantas nas quais reconhecemos uma pulsão de destruição.

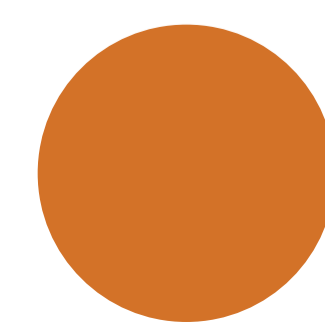
O que sim, temos, é um corte imposto desde algo externo a nós, que produz um momento de suspensão no qual podemos, se quisermos, se tivermos ferramentas e recursos para isso, olhar para essas coisas com mais espaço do que o que tínhamos antes, mergulhados numa certa sensação de contínuo, numa ilusão de continuidade. Entendo que a Técnica Alexander, através da prática da inibição e da observação, pode se configurar como um recurso nesse sentido.

Nos nossos encontros, vamos praticando esse dar-nos tempo para uma observação integrada, suspendendo também o julgamento imediato sobre o observado, e isso nos dá um meio para sair de nossas pré-concepções sobre nós mesmos e sobre o mundo. E talvez inventar algo novo a partir disso...

Diários da Helô e do Michel – 15/04/2020

Quarto movimento: procedimentos de experimentar, observar, descrever; o virtual como espaço de jogo.

Vídeo-relato realizado pela Letícia a partir de filmagens produzidas pelo grupito para esta escrita



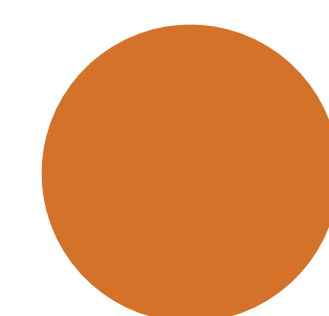


<https://youtu.be/HUchxnmTGTY>

Quinto movimento - ACASOS Cia de Dança

Assim como o encontro de Michel e Helô começa muito antes deste grupo de estudos, também os outros participantes se conhecem e trabalham juntos de longa data. Quase todos integram, em alguma medida, a Acasos Cia. de Dança, de Santa Maria. Guilherme comenta sobre a relação entre a Acasos e o *grupito*:

A multiplicidade de tons (mesmo que o colorido seja específico) também vem pintando muito a Acasos Cia de Dança. Como uma prancheta com várias cores, nos permite misturar tonalidades para os fazeres da Acasos. Não só tons, mas também texturas, intensidades. Esse grupo alimenta-retroalimenta o modo como a Acasos vem fazendo-pensando dança em Santa Maria. E que encontro bem bonito!



Lembro de uma conversa em que a Helô se refere à “Acasos de Porto Alegre” para explicar o Arteria – artistas de dança em colaboração, que é esse coletivo de pessoas dançantes que compõe a trajetória dela. E acho tão bonito “Acasos” virar essa ideia da junção de pessoas com desejo de integrar corpo, dança e vida. Ideia que está para além da gente, antes da gente, mas ao ouvir “A nossa Acasos de Porto Alegre”, vejo que essa forma de fazer dança – pelo e com o afeto – é uma ideia que também faz com que Helô e Michel tenham a proximidade que têm com a Acasos. Não sei muito como descrever esse encontro. E talvez habite aqui a boniteza disso: das coisas que não são possíveis de narrar, mas que se vêem em conexão.

Depoimento de Guilherme para esta escrita, 30/09/2020

Um marco nas reflexões do *grupito* foi uma apresentação feita pela Acasos no Centro de Convenções da UFSM, sem público, para ser gravada e retransmitida ao vivo pelo canal da universidade⁵:

Acasos Cia de Dança: “O que vai, volta?”



<https://youtu.be/wUWqEdHIDAw>

⁵ Apresentação realizada dentro do Projeto CC Palco Online, da Universidade Federal de Santa Maria.

Anotações esparsas a partir da conversa em grupo, depois de assistirmos à apresentação.

Acasos: Verter afetos em meio à pandemia.

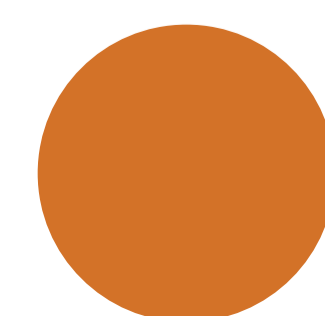
(a obra apresentada era um desdobramento da obra Verter, estreada em 2019 pela Cia. no Theatro Treze de Maio, em Santa Maria).

Uma obra que (não) foi pensada para vídeo. Isso que agora se apresenta como lugar possível de exposição. Esse espaço que agora era um deserto. Um imaginário de teatro. Dançar ao vivo para um público virtual. Num teatro. Daqui para infinitos lugares possíveis. Até onde chega essa apresentação? Desde onde existe um público assistindo?

O que há no espaço entre?

Olhar a câmera. Quando o bailarino olha para mim, sei que está ao mesmo tempo olhando para tanta gente que não faço ideia de onde está. O espaço entre. Infinitos possíveis lugares.

Queremos seguir nos perguntando, compartilhando a pergunta com outros artistas: Como a câmera interfere na estrutura da obra? Do olhar? Qual o tempo de olhar para a tela? Qual meu tempo de olhar? Com qual corpo? A tela como espelho d'água que reflete e refrata. Vai e volta. Nem tudo volta para o mesmo lugar de onde saiu.



Não queremos naturalizar essa forma de apresentação.

Queremos seguir estranhando, seguir perguntando...

Qual o íntimo possível no distanciamento? Quais encontros criam para mim um continente que me permite e convida a acessar e habitar meu íntimo? Reconhecemos a importância de vínculos presenciais que são anteriores ao modo virtual.

Dessa conversa, reverberações ou possíveis temas ou talvez perguntas ou talvez convites a outras produções...

O espaço vazio.

O vazio atual dos espaços.

O vazio dos teatros.

A desoladora volta aos teatros.

A máscara como signo.

As distâncias como signo e experiência.

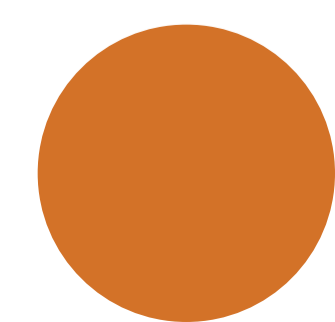
A máscara como experiência.

Atualizar o estranhamento.

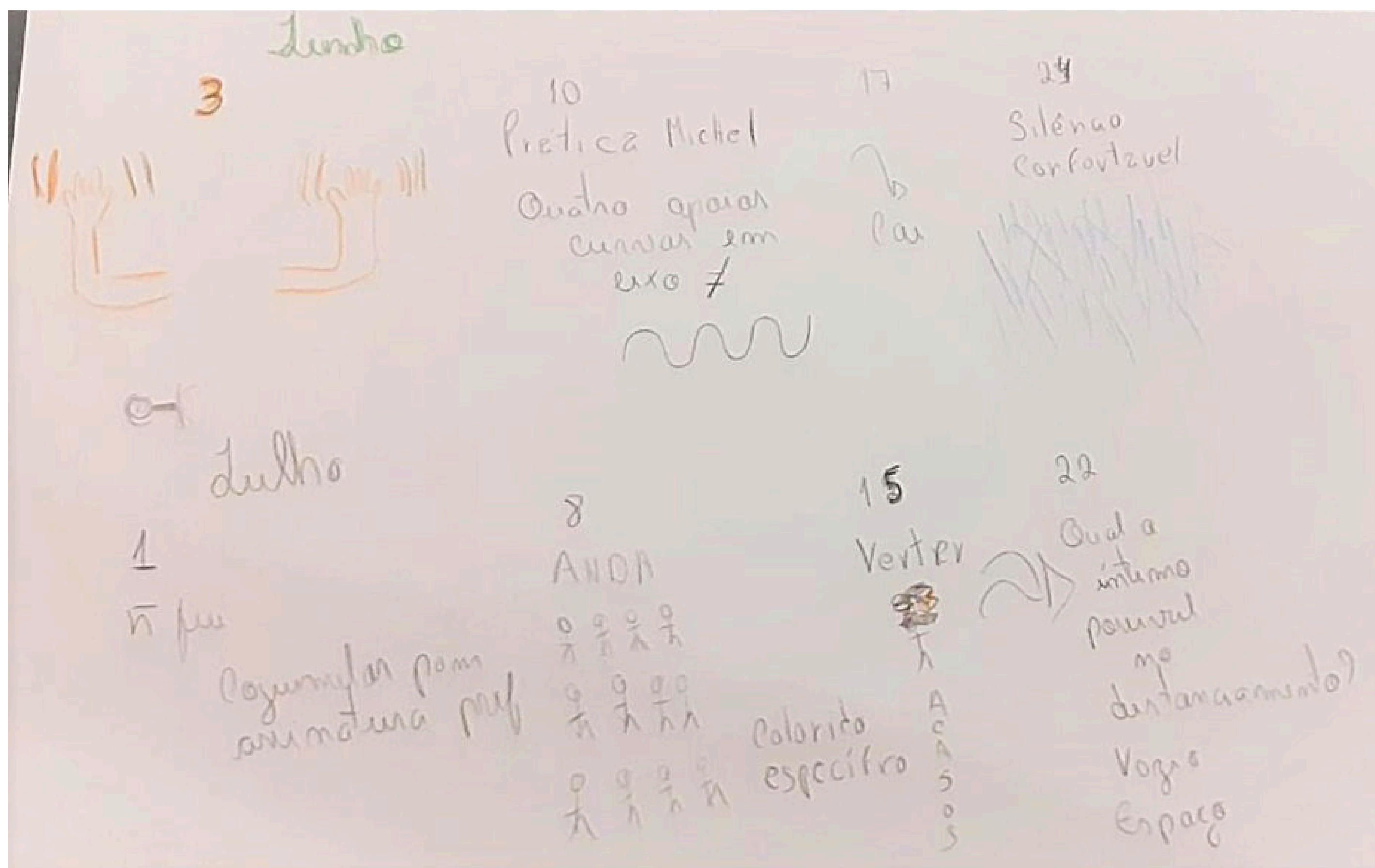
Reconhecer a naturalização e estranhar: não nasci de máscara.

Voltar a ver, a perceber, a sentir.

Diário da Helô sobre encontro pós apresentação, 22/07/2020.



Sexto movimento - Pontos de vista



5. Mapa da Cla - percurso no grupito

Thiago - DA PELE EM QUE SE RISCA - Com a unha posso fazer um risco na minha pele. Essa pele que é a que “tem cor”, que pode ser riscada, que pode ser marcada. Marca que liga o lado de cá com o lado de lá, num constante fluxo de ir e vir, que cria linhas, traços, entrecruzamentos... encruzilhadas. Esses cruzeiros criam pontos de confluência, mas também de dispersão. Nesse sentido, como se luta contra as forças centrífugas? Que nos empurram em direção da dispersão e teimam em afastar, gritar a diferença. Nesse movimento de afastamento, as dissociações naturalmente se acentuam e os pontos de conexão ficam opacos. E, com isso, os riscos entram em

risco, podendo criar tracejados que viram pontos.

Clarissa – Espirais, pontos... qual o eixo que une? Existe um eixo? Diagonal conectada- tempo/espaco/lugar.

Tempo: há bastante tempo. Linhas que se cruzam há anos. Formatos que se modificam, mas algo se mantém...

Espaco: espacocorpo, espaco articular, espaco físico, espaco virtual.

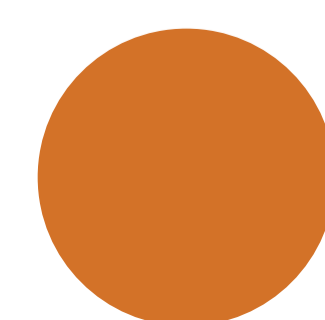
Lugar: que lugar é esse que estamos agora?

Guilherme – Romper fronteiras para observar o movimento. Fazer os possíveis para estar em relação: da auto observação à troca, da indicação ao tornar o movimento consciente. Passível de escolha: de estar, estar muito, estar pouco.

Da tela que atravessa o olhar, o fazer, o desfazer.

Como fazer um corpo coletivo em meio ao caos?

Como se organizar e fazer presença conectados por dispositivos móveis?



Letícia – Saio agora de mais uma prática, me sentindo grogue, com dificuldade de articular as palavras, mas com muita precisão e vivacidade das minhas sensações, por onde andam as tensões em meu corpo, de como o sinto mais largo e comprido, espaçado, devidamente ativo, encaixado e acomodado.

Saio grogue por ter otimizado minha performance, me habilitado para o movimento, por ter soltado o que não preciso, por estar mais comigo e em mim. Aqui me pergunto: não seria natural e ideal o contrário? Me percebo grogue quando encontro comigo, então por onde e como ando geralmente?

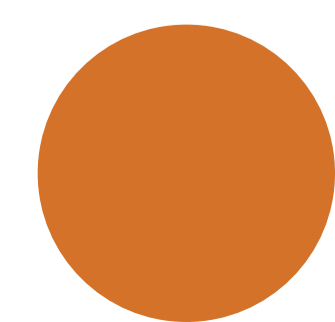
Me faz pensar que ando anestesiada e fora de mim, talvez no problema dos outros, deslocando minha realidade.

Às vezes me pesa a sensação de julgamento por lutar e acreditar na realidade da minha bolha (valores e crenças no meu círculo próximo de amizades), mas ora bolas trabalho para não me julgar e vou me incomodar com o julgamento dos outros?! Não faz sentido nenhum.

Retomo a importância do grupo para lembrar que sempre posso:

Reconfigurar;

Presentificar;



Atualizar as expectativas;

Largar os julgamentos;

Olhar e observar minha(s) realidade(s);

Não julgar;

Seguir olhando;

Não julgar;

Observar;

Transformar julgamento em curiosidade!

Onde as coisas não são respondidas, onde as coisas se perguntam,

onde sim,

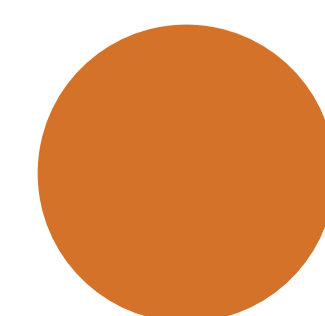
onde não,

onde?

Intuitivo na maneira de fazer as coisas.

Existe um contexto que dá suporte a elas, uma voz, uma maneira de dizer, de narrar, de anotar e perceber os gerúndios.

O colorido específico desse grupo.



Esse momento sem norma culta da ABNT.

A vontade da nossa bagunça coletiva.

Onde se escuta a qualidade dos silêncios.

...

Ao mesmo tempo que soltar e desistir produzem - se opõem a - colapsar e abandonar. Parecem ser opostos, mas não operam assim.

Soltar é uma escolha, desistir um exercício.

Colapsar e abandonar nem me parecem uma opção.

Para soltar, me faço presente;

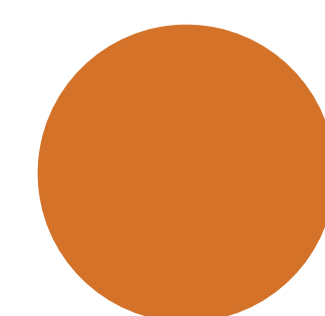
para desistir, decido;

logo, estou.

...



6. Diário da Pâmela, 17/06/2020



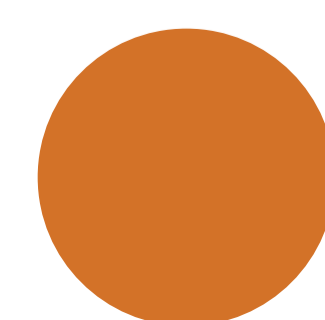
Sétimo movimento - Uma pausa

Guia para semi-supina, por Michel - <https://tinly.co/heKUP>

Oitavo movimento

- O QUE GOSTARIA DE NARRAR DESTE ESPAÇO?

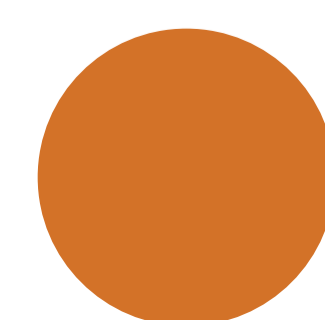
Clarissa Marques Ferrer - Quando penso no nosso grupo, o que gostaria de contar é sobre nossa capacidade de transformação e adaptação. Acredito que esta maleabilidade é uma qualidade que vem do trabalho com a técnica Alexander, onde exercemos essa capacidade de receber informações, tanto nossas quanto do mundo, e nos damos tempo de voltar para as costas, soltar o pescoço e escolher que resposta queremos dar a esta informação. Outro ponto que percebo que as nossas práticas e estudos com a Técnica proporcionam é em relação à autonomia. Como eu me responsabilizo pelos meus processos? Acredito que estas duas características juntas foram muito importantes para que fosse possível realizarmos este grupo no formato online e, para mim, estão diretamente relacionadas com o trabalho com a Técnica Alexander.



Pâmela Fantinel Ferreira - Eu considero o grupo um suporte, uma rede de afetos. Uma rede mutável, que transita na instabilidade, na escuta, nos desejos, no corpo e nas criações de vida tanto individuais como coletivas. Um grupo que gerou muitos encontros durante a pandemia, de modo virtual.

As pessoas que fazem parte do grupo compartilham comigo este espaço e também outros, como a Acasos cia de dança, um coletivo de artistas que completou dez anos em 2019 e que é atravessado de várias formas e em muitos momentos de sua trajetória pelo grupo de estudos em Técnica Alexander e pelo Laboratório EspaçoCorpo. Percebo essa rede expandida, que acredita nos encontros como potência afetiva e de vida. Gosto muito do quanto como ela vem me provocando a continuar fazendo pensando dançando e estudando assuntos e pessoas que se interessam pelas abordagens somáticas nas artes, no ensino e em interface com a saúde.

Thiago Santos - *“Abrir espaço entre o crânio e o topo da coluna... Flutuação da cabeça... A cabeça cai pra cima”*. A partir de tais indicações, de início, surgiu o ESTRANHAMENTO... Algo esperado para alguém que está tomando conhecimento de uma técnica, até então, que só se tinha ouvido falar, mas não efetivamente experienciado. Como se entende uma cabeça que “cai” pra cima? Uma

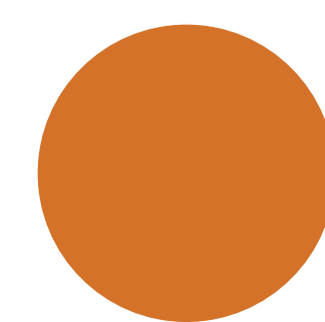


pergunta que ocupava minha mente durante a prática, fazendo com que quase me desligasse das demais indicações.

O questionamento provocou REVERBERAÇÃO por dias em mim. E foi preciso “matutar” e maturar a ideia para começar um processo de compreensão. Entendi que havia a necessidade de rever alguns preconcebidos. Percebi que precisava “ver” a partir de uma perspectiva outra, reconstruir através de um processo de ressignificação.

Esse REDIMENSIONAMENTO do olhar provocado pelos encontros, a percepção dos “espaços” – não só o entre o crânio e a coluna, mas também, e principalmente, o do silêncio – têm me auxiliado a “habitar” melhor essas interações mediadas pelas plataformas online, que aumentaram drasticamente durante a pandemia.

Minha participação no grupo possibilitou um processo de RESSIGNIFICAR não apenas para as práticas da técnica, mas também para outros campos de minha vida. Por exemplo, após cada encontro online com o “Grupito”, me reunia com um grupo de orientandes de iniciação científica para discutir teorias. Pude notar que as sessões de orientação foram ganhando outro lugar, pois no início dos encontros, eu estando ainda com as práticas reverberando, conseguia administrar melhor os “espaços” e debates com o grupo de

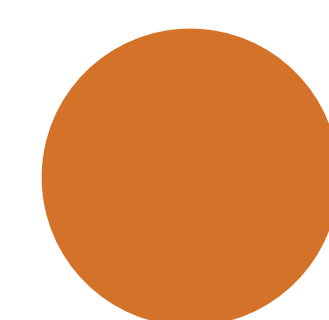


alunes, sem recorrer de forma ansiosa ao preenchimento de “vazios”. Entendo, melhor hoje, que os vazios/espacos nos constituem!

Guilherme Capaverde – Enquanto escrevo, volto pras costas. Essa escrita me interessa porque não é quadrada (embora não haja nada de errado com os quadrados).

Narrar o grupo de infinitas formas possíveis. Várias formas possíveis. Várias pessoas possíveis. Fomos transitando entre formas de fazer uma presença juntas. De um começo cheio de dúvidas, com uma indicação de ler e discutir textos, reinventamos as formas de estarmos em conexão: lavando louça ouvindo áudios-relatos, ou fazendo uma semisupina. Fazendo as coisas como são possíveis pra gente fazer. Seguir juntas pelo desejo de estudar em si-consigo-com outres a Técnica Alexander – como um estudo pra vida, não só para a criação em dança. Respeitar os tempos possíveis. “Como fazer um procedimento ao vivo? Live? Simultâneo? Será que conseguimos fazer correndo o risco de cair chamada, de não nos enxergarmos?” TROCANDO, MESMO QUE PELA INTERNET. E dá errado. E dá certo. E a gente segue fazendo. Como eu lido com o cair a chamada? Do que a gente abre mão?

Dá certo porque tem um desejo maior de estarmos juntas pensando sobre Técnica Alexander e atravessamentos

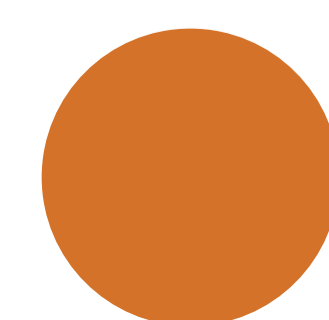


possíveis disso. Mantendo os afetos. Mesmo que fosse a terceira chamada de vídeo do dia, que já estivesse exausto, faz sentido estar aqui. Nem que seja para estar juntas. Lembrar o que a gente vem construindo que é anterior ao caos, e que vai seguir pós-caos. Alimentar processos – individuais, coletivos – mesmo reconhecendo que a gente está vivendo um momento bizarro da história da humanidade. Fazer presença de mundo.

Letícia Nascimento Gomes – Esse grupo pra mim é estruturante, da ordem das coisas que fazem sentido, que regam e alimentam meus valores de vida, de dança, de artista, de criação.

Pontualmente nesse período de pandemia foi um lugar potente de retorno – no entrelace de Técnica Alexander e dança – atuou como lugar onde eu pude comparecer, exercitar o “estar presente” independente das condições em que eu estivesse.

No âmbito desse espaço me vem como potência o exercício da autonomia e com ela a responsabilidade pelo meu próprio processo, que se dá em um caminho sem muito interesse em demarcar inícios ou fim, por entender que os meios nos constituem. Afirmo isso inclusive como ato político para fortalecer a potência de nos convidarmos a estar presentes, para podermos observar, inibir hábitos



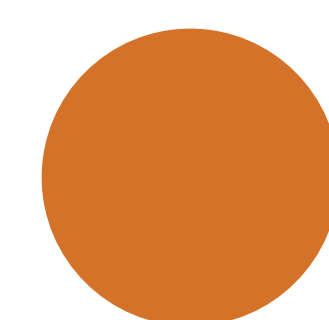
vigentes, e então abrir espaço para que outras possibilidades surjam.

As práticas e questionamentos que nos fazemos habilitam em mim escutar ativamente questões que estavam adormecidas; o que pede movimento; o que está paralisado; onde pode existir pausa. No grupito e com o que reverbera dele em mim, exercito estar em um processo contínuo – parafraseando o Guime no vídeo-relato – observar, desistir, direcionar e me reconhecer.

Heloisa Gravina – Esta composição foi a forma que escolhi para narrar o *grupito* neste momento. Visitar o material produzido: reler, escutar, selecionar, propor dispositivos, coletar, compilar, dispor, compor. Como uma *mise-en-scène*, com a colaboração de todes e especialmente do Michel, com quem venho compartilhando criações em dança há anos, alternando papéis de diretora e bailarina. A mais recente, o solo *Ocupación*, foi criada por nós dois, dançada por mim e dirigida por ele, em Buenos Aires, 2018. Lá, experimentáramos princípios da Técnica Alexander no processo de criação⁶. Alguns dos procedimentos que desenvolvemos então serviram de material para práticas do *grupito* em quarentena.

Sobre esta experiência, de coordenar um grupo de estudos em dança e Técnica Alexander através do ambiente

⁶ Essa experiência está relatada em detalhes em GRAVINA, 2019.



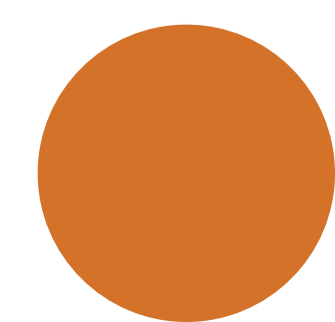
virtual, quero dizer ainda de uma confiança renovada em nossa potência inventiva frente ao caos, ao medo, às dificuldades. Quero falar uma vez mais sobre estar junto, sobre a aposta na manutenção do vínculo e a radicalização da autonomia sobre o próprio processo. Falar do ato consciente de assumir responsabilidade sobre si, sobre o entorno, alimentando e atualizando constantemente o cuidado com a outra, o outro.

E sobre o espaço de possíveis que isso abre para reabitar o mundo de outra forma, para que seja um mundo outro não apenas por obra de uma fatalidade ou de forças de dominação e aniquilamento das diferenças. Para que possamos contribuir, sim, na construção de um mundo com espaço para inventar outros modos de relação, fundados no vínculo recíproco, cuidadoso e livre.

Michel Capeletti - Essa escrita começa estimulada pela guia online de uma semi-supina (ou descanso construtivo) que propus hoje para alunes da formação para professores da *Escuela de Técnica Alexander de Buenos Aires* (ETABA). Este diário/relato está atravessado por imagens de uma coluna que se expande infinitamente e pela lembrança que tenho do meu corpo oferecendo essas palavras.

Buenos Aires, 14 de setembro de 2020.

Deitar no chão, deixar o peso de corpo chegar com



as plantas dos pés apoiadas no chão e as mãos sobre as costelas. Pensar no peso do corpo como um movimento constante, suave. Observar que o peso em relação ao chão não é “um fazer” e sim “um permitir”...

UM POSSÍVEL INÍCIO

Escrever sobre este grupo e encontro me leva diretamente ao ano de 2003. Me dou conta enquanto escrevo de que este relato estará cheio de datas, porque estas palavras trazem 17 anos de história, de trocas e descobertas. Falo do meu encontro com a Helô, de quando a chamamos (eu, André Mubarack e Alexandra Dias) para dirigir o espetáculo *movimentomínimomovimentomáximo* (Porto Alegre, 2004)⁷ e nos encontramos pela primeira vez em sala de ensaio. Penso que nada surge por “primeira vez”, que muito do vocabulário que construímos nesse grupo se contamina de muitas outras referências e que minha dança tem relação direta com essa história.

Deixar que o chão venha na minha direção enquanto estou deitado, soltar o peso e distribuir, descansar sem pressionar o chão. Deixar que o que vejo também venha na minha direção, que a musculatura dos meus olhos receba a imagem e que eu não tenha que ir em direção a isto que vejo. Encontrar contenção no ambiente com o qual

⁷ *MOVIMENTOMÍNIMOMOVIMENTOMÁXIMO*, espetáculo do Projeto MAX, criado e dançado por Alexandra Dias, André Mubarack e Michel Capeletti com direção de Heloisa Gravina. Estreia em 2004. Disponível em: <https://youtu.be/gfXYGZWKV3M>

interatuo.

SALA DE ENSAIO

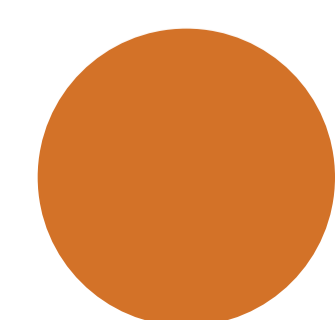
Desde o princípio da minha participação no grupo de investigação em Dança e Técnica Alexander tive o desejo de guiar procedimentos para um grupo no formato online, de experimentar o uso da palavra e enfrentar-me com a pergunta que aparece ao seguir trabalhando nesse contexto com uma técnica (Alexander) que tem o uso das mãos e o contato como uma das suas principais potências. Sigo com essa inquietude e curiosidade sobre como o uso da palavra abre possibilidades para uma relação mais amorosa com o próprio movimento.

Descansar a frente do tronco. Observar a respiração e a mobilidade das costelas. Deixar que o esterno possa descansar tendo como referência a coluna.

PROCEDIMENTO

1- Em duos alguém prática, outre observa (através da tela).

2 – Guio uma prática para todes (praticantes) que consiste em observar a posição de pé e toda sua mobilidade. Depois proponho uma forma que na Técnica Alexander chamamos “posição do macaco”. O tronco sendo guiado pelo peso da cabeça para cima e suavemente para frente



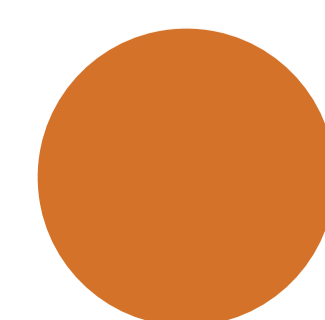
até chegar a uma forma parecida a de um macaco. Um equilíbrio entre tornozelos, joelhos e quadril levemente flexionados. O desejo é não dividir o movimento “em partes” e sim pensar na sua totalidade, como uma ação de toda a estrutura. Com isso, permitir que essa forma possa aparecer sutilmente tendo como suporte a ideia de que posso descer no espaço sem perder minha altura.

3 – Os observadores escrevem enquanto os praticantes executam o movimento. Essa escrita deseja ser livre, sem a pretensão de fechar ideias e, principalmente, sem julgar o trabalho do colega.

4 – Trocamos de posição, quem praticava passa a escrever e observar; quem observava passa a praticar.

5 – Das escritas que cada participante produziu extraímos uma frase, algo que nos gere curiosidade e vontade de seguir trabalhando.

6 – Uma nova guia de prática para todes, agora sem a definição de “praticantes” e “observadores”. Repetimos o caminho para chegar na forma do macaco e usamos a frase escolhida a partir da escrita anterior, deixando que essa formulação encontre sentido junto com a guia do procedimento. Reconhecer como minha observação do outre fala das minhas próprias perguntas e curiosidades.



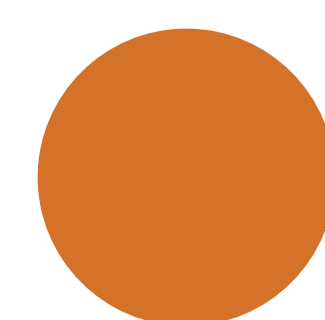
COVID - ESPAÇO VAZIO DO TEATRO

Um dos pedidos que fiz em algum dos nossos encontros foi o de escrever um parágrafo sobre algum tema relacionado ao material que temos em nosso Drive compartilhado. Olhar para os textos e imagens que dividimos ao longo dos meses de encontros (produções individuais de quarentena, notas sobre o trabalho, textos, mapas sobre nossas trajetórias no grupo) e trazer algo para a escrita. Pensar um texto com todas essas vozes e maneiras de relatar. Os “pontos de vista” acima foram produzidos a partir dessa proposição. Imaginei o princípio de um espetáculo:

“Todo o espaço estará coberto por pilhas de envelopes brancos. O desejo em armar este labirinto é delimitar o espaço. Quando os corpos estiverem dançando vão ter como tarefa manter este labirinto intacto. Uma cenografia que pode trazer a imagem de paredes e muros. A atividades dos corpos vai respeitar essa contenção. Em algum lugar estará a comunidade na sua primeira imagem. Entram outras pessoas com uma luz ainda baixa, um pouco de cor mais fria. A luz sobe na zona do espaço aonde estão os corpos, a comunidade. Se sustenta a imagem.”

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM) - 2013

Meu contato com quase todos os participantes do grupo foi em 2013 quando a Helô me convidou a dar aula no



projeto “Seminário/Laboratório de Criação”. Este intercâmbio se manteve ativo presencialmente até 2019 e a cada ano me oferecia o desafio de pensar e oferecer práticas e espaços de discussão sobre a relação da minha produção como artista de dança contaminada pelo trabalho que desenvolvo como professor de Técnica Alexander (formação que terminei em 2014). Agora, 2020, em meio a uma pandemia, toda essa história reaparece. Do primeiro encontro virtual que tivemos, tenho a lembrança de terminar a jornada de trabalho com algo no corpo, na musculatura, uma sensação de que seria possível transitar esse momento. Acredito que esses meses em que estou em casa, longe da minha família e país, em contato com minhas outras famílias e no meu outro país que é a Argentina, são possíveis por esta maneira de pensar e existir que dividimos no grupo. Por esse desejo de ver dança no mais mínimo, no invisível. Ser suporte, dar suporte.

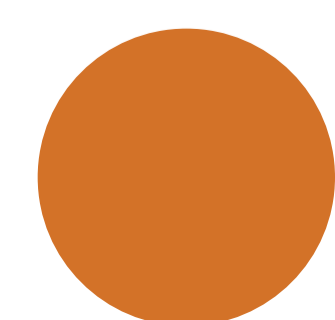


IMAGEM PARA UM FUTURO

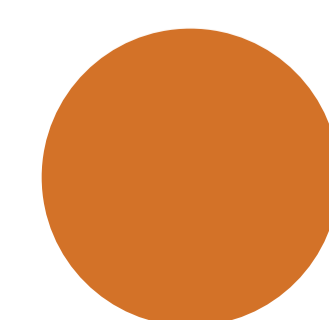


7. Aula ministrada por Paula Zacharias em Freiburg, 2018.

__REFERÊNCIAS

ALEXANDER, F. M. **El uso de sí mismo**. Buenos Aires: Pequeña Hoja, 2018.

CARRINGTON, Walter. “Darse un tiempo para decir no.”, In: **Pensando en voz alta: charlas sobre la enseñanza**

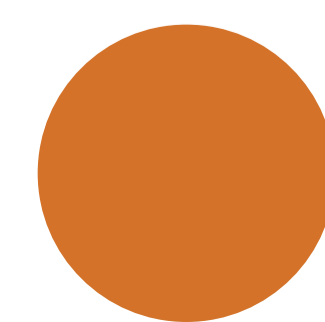


de la Técnica Alexander. Berkeley: Mornum Time Press, 2009.

GRAVINA, Heloisa. “Dança e Técnica Alexander: o movimento como articulador de sentidos sobre o mundo na obra coreográfica *Ocupación*.” In: **Anais X Reunião Científica ABRACE**, v. 20, n. 1 (2019), Campinas, 2019.

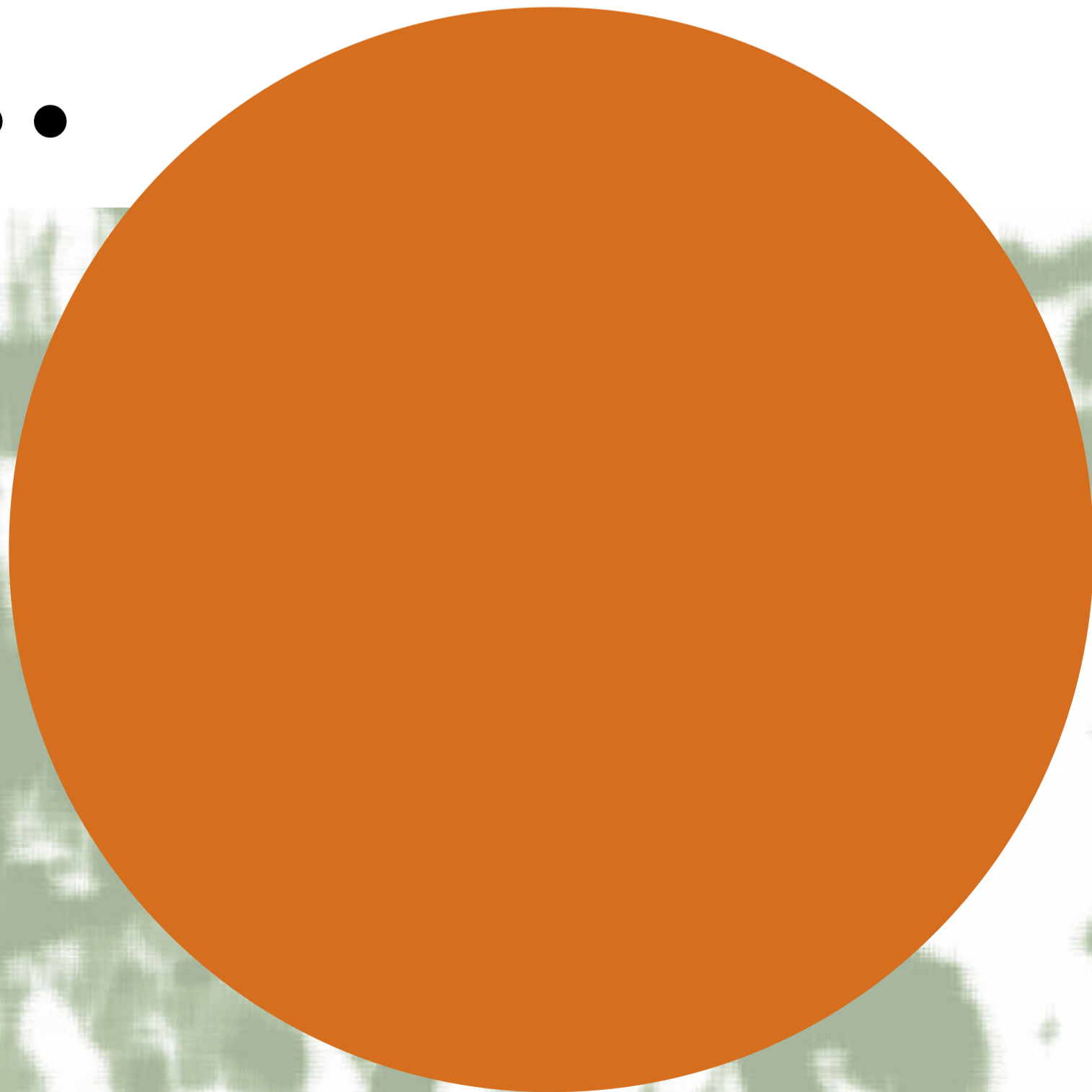
SCHRAMM, Rosa. A pequena dança e a técnica Alexander: um estudo do equilíbrio com a caminhada para trás. **Repertório**, Salvador, ano 21, n. 31, p.127-149, 2018.2. Disponível em:

<https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/26830/17289>. Acesso: 20/09/2020





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

